

José Paulino e 25 de Março.

Ideologias são brumas que deformam a visão da cena. Os socialistas Mitterand e Kreisky constataam no Líbano invasão de populações indefesas por exército para-fascista. Visão mais desinpedida verá população terrorizada por bandas armadas, e ocupada por exército sirio, a qual acolhe os israelis como libertadores. Por certo: tal visão deverá admitir que os motivos israelis não são "puros". Mas o fato objetivo é que a ação israeli torna possível o retorno do Líbano a situação vivível. Pois isto coincide com os interesses dos socialistas francezes e austríacos, tanto confessos quanto inconfessos. Prova flagrante como ideologias podem velar os próprios interesses dos engajados nelas. Coisa a ser ruminada.

Mas o aspecto mais interessante do evento libanez é outro. Pela primeira vez na história ocidental judeus e cristãos se aliam contra o que atualmente é chamado "o terceiro mundo". José Paulino e 25 de Março se aliam contra as favelas. O "espírito do tempo", que na realidade é a má consciência da burguesia reinante, exige que simpatizemos com a favela, com o "terceiro mundo". E, de fato, as imagens televisionadas dos desabrigados em fuga no Líbano convidam a tal atitude. Que é atitude suicida. No entanto, sugiro que é possível tomarmos distância do evento, e procurarmos compreendê-lo no além dos engajamentos em moda, sem necessariamente julgá-lo moralmente. É muito facil e barato indignarmo-nos, como o fazem Mitterand e Kreisky. Mais difícil é tentar captar-lhe o impacto. E, inclusive, pode-se perguntar com que direito os socialistas e demais humanistas se assumem juizes. As reflexões seguintes procurarão concentrar-se sobre a aliança inconfessa entre judeus e cristãos, "israelis" e "maronitas", sem valoração do evento.

A base da cultura ocidental, com sua ciência, técnica, arte, filosofia e política, é o cristianismo. É o cristianismo que distingue a sociedade ocidental das demais culturas. Nele se encontram todos os modelos epistemológicos, éticos e estéticos do Ocidente, e estes modelos continuam operantes, mesmo se a "fé" cristã se perde. Pois o cristianismo é, originalmente, seita judia. Seita, por certo, que se nutriu de fontes extra-judaicas, (gregas, romanas, egípcias, germânicas, celtas e outras), e que assumiu proporções gigantescas. Mas seita judia não obstante. De maneira que a base da cultura ocidental é derivativo do judaismo.

Os "maronitas" e outros cristãos libanezes são ocidentais, porque sua existência se funda sobre os modelos contidos no cristianismo. O caso dos israelis é mais complexo. Os modelos contidos no judaismo são pré-ocidentais, e "ainda" não resultam nas formas, nos "culturemas" do Ocidente. Judéu que vive ortodoxamente, por exemplo judeu polonez do século passado, não vive ocidentalmente. Tal "arcaísmo" do judaismo o torna curiosamente flexível. Pode adaptar-se tanto ao Ocidente cristão, quanto à cultura islâmica, este outro descendente do judaismo. E, de fato, os judeus passaram a serem participantes ativos tanto da cultura ocidental, quanto da mohametana. A sociedade israeli comporta os três elementos: o "arcaico", pré-ocidental, o "super-ocidental", e o islamizante. Esquemmatizando: Mea Shearim, Rehovot e os iemenitas. No entanto: atualmente, e talvez provisoriamente, é o elemento "super-ocidental" que domina. De maneira que os cristãos libanezes e a classe dominante israeli participam da mesma sociedade.

O Ocidente é sociedade extremamente dinâmica e agressiva. Eis, em termos resumidos, a sua biografia: nasce ele no primeiro século na Palestina, na Síria, e sobretudo em Alexandria, ao absorber o helenismo e o hermetismo copta sobre o fundo de um judaísmo em crise. Conquista o Império Romano e parte do Império sassanida no século quarto, e assume-se em todos os característicos conhecidos. A partir do século sete é violentamente contestado pela cultura islâmica, e empurrado para o canto ocidental da península europeia. Irrompe da sua prisão no século 14, e vai conquistando terreno, até dominar, no século 19, praticamente o globo inteiro. Essa dinâmica e agressividade, o Ocidente as deve à sua tensão interna, à contradição jamais superada entre sua herança judia e grega. O Ocidente explode. A ciência e a técnica não passam de fenômenos de tal contradição entre saber filosófico e fé religiosa. E é graças à ciência e a técnica que o Ocidente conquista o globo. Mas a partir do século 20 a explosão vai se transformando em implosão, e começa a desintegração do Ocidente. Guerras "civis" rasgam o tecido da sociedade, e os valores fundantes da cultura são questionados, (tanto os valores do conhecimento, quanto os da vivência e do comportamento). O resto da humanidade, até agora reprimido, se re-assume. E, no final do século 20, inicia a contra-ofensiva. É neste contexto que israelis e maronitas, José Paulino e 25 de Março, se aliam.

Os eventos libanezes adquirem, sob este prisma, caráter significativo. Dois postos avançados da sociedade ocidental se unem, para resistir ao avanço do Terceiro mundo. Bem sei que visões tão grandiosas como a que estou propondo perdem de vista os detalhes concretos, e que são os detalhes concretos que movem o comportamento dos atores. Não obstante, acredito que tais visões servem como mapas orientadores. E convido o leitor deste artigo de dar um passeio nas duas ruas epigrafadas, para desmitizar o evento. Verá ele, concretamente, quem são os defensores do Ocidente, e que tipo de valores defendem.